



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO SOCIOECONÔMICO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Gabriel Goes Silva

A Bola no Chão de Fábrica: Uma análise comparativa do início das trajetórias do
futebol operário brasileiro e inglês

Florianópolis
2024

Gabriel Goes Silva

A Bola no Chão de Fábrica: Uma análise comparativa do início das trajetórias do futebol operário brasileiro e inglês

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Relações Internacionais do Centro Socioeconômico da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais

Orientador: Prof. Dr. Fábio Pádua dos Santos

Florianópolis
2024

Ficha catalográfica gerada por meio de sistema automatizado gerenciado pela BU/UFSC.
Dados inseridos pelo próprio autor.

Silva, Gabriel Goes

A Bola no Chão de Fábrica : Análise comparativa do início das trajetórias do futebol operário brasileiro e inglês /Gabriel Goes Silva ; orientador, Fábio Pádua dos Santos, 2024.

50 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Socioeconômico, Graduação em Relações Internacionais,
Florianópolis, 2024.

Inclui referências.

1. Relações Internacionais. 2. Futebol. 3. Imperialismo Cultural. 4. Emulação de Classes. 5. Identidade Nacional.
I. Santos, Fábio Pádua dos. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Relações Internacionais. III. Título.

Gabriel Goes Silva

A Bola no Chão de Fábrica: Uma análise comparativa do início das trajetórias do futebol operário brasileiro e inglês

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 14 de Março de 2024.

Banca examinadora

Prof. Dr. Helton Ricardo Ouriques
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Dr. Fábio Pádua dos Santos
Universidade federal de Santa Catarina

Mestre Gabriel Sebben Tadiello
Universidade federal de Santa Catarina

Certifico que esta é a **versão original e final** do Trabalho de Conclusão de Curso que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais por mim e pelos demais membros da banca examinadora

Prof. Dr. Fábio Pádua dos Santos
Orientador(a)

Universidade Federal de Santa Catarina
Florianópolis, 2024.

Em memória de Luzia Alves de Oliveira.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, Deus e secundamente, minha família. Desde os membros que eu já nasci sabendo que existia até daquelas pessoas que entraram nela no “andar da carruagem” e me mostraram o real sentido da palavra. Não menos importante, meus amigos, que conseqüentemente, se tornaram minha família também.

Agradeço também a música, que nos momentos de alegria, tristeza ou angústia, também se fez presente, com cada frase do tipo “Levanta e anda”. Agradeço também por ilustrar o que eu via no dia a dia de uma mudança complicada de cidade e realidade em rimas como “Eu vejo o rico que teme perder a fortuna, enquanto o mano desempregado, viciado, se afunda”.

Frases essas que também foram ditas pela minha família, com alertas do tipo: “Passarinho que acompanha pato morre afogado”. Em determinado momento, já não sei se ouvi isso de alguém que nem conheço ou de quem estive do meu lado esse tempo todo. Talvez a música também seja minha família.

Agradeço, portanto, a todos os componentes dessa grande família.

RESUMO

Este Trabalho de Conclusão de Curso empreende uma análise comparativa entre Brasil e Inglaterra no contexto do surgimento dos primeiros clubes de futebol de origem operária, explorando a construção da identidade nacional, características urbanas e sociais, fenômenos exclusivos a cada país, e a marcante influência cultural da Inglaterra sobre o Brasil. Através de análise comparativa e revisão bibliográfica, investiga-se como o futebol foi instrumentalizado pelos movimentos operários, enfatizando a complexidade das trocas culturais transnacionais e o papel do esporte como veículo de expressão social e política. Este estudo ilumina o impacto profundo do futebol na formação de identidades coletivas e na dinâmica das relações de poder, refletindo as nuances das interações entre cultura, sociedade e política.

Palavras-chave: Futebol; Identidade nacional; Movimento operário; Influência cultural; Brasil; Inglaterra.

ABSTRACT

This thesis conducts a comparative analysis between Brazil and England regarding the emergence of the first worker-origin football clubs, examining national identity formation, urban and social features, country-specific phenomena, and England's cultural influence on Brazil. By utilizing comparative analysis and literature review, it explores football's utilization by labor movements, highlighting the complexity of transnational cultural exchanges and the sport's role as a social and political expression medium. This research sheds light on football's profound impact on collective identities and power dynamics, reflecting the intricacies of culture, society, and politics interplay.

Keywords: Football; National identity; Labor movement; Cultural influence; Brazil; England.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	7
2. INGLATERRA.....	9
2.1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	9
2.2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL.....	11
2.2.1. Política da bola.....	12
2.2.2. Conjuntura urbana.....	13
2.3. CLASSE OPERÁRIA.....	14
2.4. FORMAÇÃO DE CLUBES E LIGAS.....	16
2.4.1. Clubes operários.....	17
2.4.2. Organização esportiva.....	19
3. BRASIL.....	21
3.1. CONTEXTO HISTÓRICO.....	21
3.2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL.....	23
3.2.1. Política da bola.....	24
3.2.2. O negro no futebol.....	25
3.3. CLASSE OPERÁRIA.....	26
3.4. FORMAÇÃO DE CLUBES E LIGAS.....	28
3.4.1. Clubes operários.....	28
3.4.2. Organização esportiva.....	29
4. ANÁLISE COMPARATIVA.....	31
4.1. ASPECTOS GERAIS.....	31
4.2. IDENTIDADE NACIONAL.....	34
4.3. O SISTEMA CAPITALISTA.....	35
4.4. INFLUÊNCIA DA INGLATERRA NO FUTEBOL OPERÁRIO BRASILEIRO.....	37
5. CONCLUSÃO.....	40
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	43

1. INTRODUÇÃO

As Relações Internacionais, historicamente, têm sido definidas e moldadas por uma ampla gama de fatores que vão além das participações políticas e regimentos econômicos tradicionais dos Estados. Essa ideia é evidenciada quando se observa aspectos singulares dentro desses Estados e dentro do Sistema Internacional em sua totalidade.

Os fenômenos culturais possuem papéis menos explorados neste campo, mas que não deixam de ser ferramentas essenciais de análise das interações entre as nações. Sendo assim, não seria diferente pensar no esporte, mais precisamente, o futebol, que desempenha um papel central nesta relação entre cultura e política internacional, e que cada vez mais, ganha visibilidade para a sua capacidade de servir como um objeto diplomático e de influência cultural entre diferentes nações.

Dentro do espectro futebolístico, dois países são notáveis para a compreensão desse fenômeno como identidade nacional e influência cultural. O Brasil, reconhecido como o maior campeão mundial, e a Inglaterra, onde o futebol moderno ganha “forma”. Ambos os países retratam contextos únicos de tradição e história no esporte, mas igualmente interessantes e significativos, para explorar a relação do futebol e do movimento operário no Brasil e na Inglaterra como consta na proposta desse trabalho de conclusão de curso.

Sendo assim, a apropriação do futebol em diferentes locais e sua interação com movimentos sociais, especialmente o movimento operário, levanta uma questão fundamental, se foi o movimento operário que instrumentalizou o futebol ou o futebol que instrumentalizou o movimento operário. Explorando se o futebol foi um reflexo das transformações sociais impulsionadas pelo movimento operário ou se o próprio futebol atuou como um catalisador para a mudança dentro dessas dinâmicas sociais, questionamos assim o papel ativo ou passivo do esporte na configuração política. Posto isso, a presente pesquisa tem como objetivo explorar essa questão norteadora para analisar a correlação entre o esporte e o movimento social em questão.

A análise tem como foco os primeiros clubes operários criados exclusivamente para a prática de futebol em cada país, que na Inglaterra compreendeu o período do final do século XIX, e no Brasil, coincidiu com os primeiros anos do século XX. Esta abordagem mais detalhada permite uma compreensão mais profunda das complexidades e variantes da comparação

realizada. Além disso, esta pesquisa também explora o papel do futebol nas relações internacionais entre Brasil e Inglaterra, mais especificamente, no que diz respeito ao imperialismo cultural, ou seja, analisando como o futebol, exportado da Inglaterra para o mundo durante o auge do seu império, foi apropriado e transformado em uma expressão de identidade nacional no Brasil, um país totalmente diferente do britânico em seus mais variados contextos.

No que se refere à metodologia, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, baseada em uma revisão bibliográfica. Além disso, a abordagem comparativa é empregada para identificar semelhanças e diferenças nas experiências e representações do futebol operário nos dois países. Este método permite uma visão detalhada das especificidades em cada nação, bem como enfatiza padrões e contrastes quando as trajetórias do futebol operário brasileiro e inglês são colocadas lado a lado. Além de uma análise da correlação direta entre eles através da influência cultural.

Este trabalho é estruturado em três capítulos principais que formam a estrutura da nossa análise comparativa. O primeiro capítulo é dedicado à Inglaterra, em que as raízes do futebol e sua conexão com o movimento operário são analisadas, destacando principalmente, a relação do esporte com as questões sociais e políticas durante a Segunda Revolução Industrial. Em seguida, cronologicamente partimos para a análise do Brasil durante o segundo capítulo, explorando a apropriação e transformação do futebol, refletindo as peculiaridades da sua história social e política. O terceiro e último capítulo apresenta uma análise comparativa aprofundada, onde as trajetórias do futebol nesses dois países são colocadas lado a lado, elucidando assim, as semelhanças e diferenças entre os aspectos previamente apresentados, além de trazer à tona as interações entre o futebol, o movimento operário e às relações internacionais no contexto do imperialismo cultural. Através dessa estrutura, o trabalho pretende apresentar um entendimento holístico de como o futebol pode atuar como um objeto de transformação de realidades sociais e políticas.

Este trabalho se insere no campo das Relações Internacionais com o objetivo de destacar a relevância do esporte, mais precisamente o futebol, como elemento de influência nas identidades nacionais e sua intersecção com movimentos sociais e dinâmicas internacionais. A importância desta pesquisa para a academia reside na sua contribuição para uma compreensão ampliada das relações internacionais, ao

incorporar elementos culturais e sociais, particulares de cada país, que trazem um olhar sob uma nova ótica, menos tradicional. Para o pesquisador, este estudo representa a oportunidade de investigar a dinâmica entre cultura e política no plano internacional, oferecendo perspectivas novas sobre como fenômenos culturais influenciam e são influenciados pelas relações internacionais, além de estabelecerem também, mudanças nas dinâmicas sociais dos respectivos países.

2. INGLATERRA

A relação entre futebol e identidade nacional na Inglaterra, aliada às transformações socioeconômicas do país, serve como foco central deste capítulo. O objetivo é explorar a evolução do futebol na Inglaterra, traçando sua trajetória e estabelecendo paralelos com o desenvolvimento. Sendo assim, buscaremos exemplificar como o futebol, ao longo do tempo, não apenas se solidificou como um elemento central da cultura inglesa, mas também como um espelho dos desafios e mudanças da nação.

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Este subcapítulo se dedica a analisar a relação entre a evolução socioeconômica da Inglaterra durante o período de 1837 a 1863, emergência do futebol como um elemento significativo da identidade nacional e a sua difusão pelo país. O objetivo central é observar como o futebol, em meio a essas transformações, foi influenciado pelos aspectos mais gerais da era vitoriana e da Segunda Revolução Industrial.

Apesar do surgimento do futebol ser datado de diferentes formas e por diferentes nacionalidades, como apresentado na introdução deste trabalho de conclusão de curso, a Inglaterra constitui um dos principais responsáveis pela evolução desse esporte mundialmente reconhecido. Ao longo de sua história, o país foi palco de inúmeras transformações políticas, sociais e culturais que moldaram sua identidade como nação. Dentro desse contexto, o surgimento e evolução do futebol nesse espaço são resposta de várias dinâmicas culturais e sociais da época.

A Inglaterra não apresenta um marco único e representativo da introdução do futebol à sua civilização. Ao invés disso, diversos processos históricos convergiram para solidificar o futebol na estrutura do país. Eles variam desde antigos jogos brutais entre aldeias até rituais pagãos, em que a precursora do futebol era uma prática comum, mas drasticamente diferente da modalidade contemporânea (Collins, 2015). Inclusive, de acordo com Lutz e McCarthy (2007), o futebol já enfrentou períodos de proibição no Reino Unido, o esporte enfrentou proibições entre 1450 e

1650, oriundas de preocupações variadas, desde a violência inerente ao jogo até sua potencial distração das atividades militares.

Contudo, entre os séculos XVIII e XIX, um período coincidente com as diásporas da Revolução Industrial, a urbanização acelerada propiciou um cenário em que o futebol se estabeleceu como uma forma essencial de entretenimento para a crescente população urbana. A formalização das regras e a fundação da Football Association em 1863, em Londres, marcaram uma transição significativa, moldando o esporte para mais próximo do que é conhecido atualmente (Russell, 1999).

O desenvolvimento do futebol na Inglaterra é indissociável das transformações históricas, políticas e sociais que o país vivenciou. Sua evolução serve como um espelho refletindo as nuances e desafios da sociedade inglesa. Com a contextualização histórica, faz-se necessário compreender a disseminação do futebol dentro da Inglaterra. Para isso, devemos analisar a propagação do futebol na Inglaterra, com ênfase particular na Era Vitoriana. A centralidade desta análise reside na conexão intrínseca entre a difusão do futebol e os impactos socioculturais e econômicos da Revolução Industrial na Inglaterra.

Historicamente, as variantes do futebol têm sido parte integrante da cultura inglesa desde a Idade Média (Goldblatt, 2006). No entanto, foi durante a Era Vitoriana (1837-1901) que o esporte evoluiu para uma estrutura mais formalizada e reconhecível. Durante o reinado da Rainha Vitória, e paralelamente aos avanços da segunda revolução industrial, o futebol começou a consolidar-se como uma atividade central na vida cotidiana inglesa (Goldblatt, 2006).

Conforme mencionado por Kupper (2019), nesse período a Inglaterra testemunhou uma intensa "febre futebolística" que permeou diversos segmentos da sociedade britânica, desde escolas até ambientes industriais como fábricas, portos e ferrovias. Nesse movimento, os portos, essenciais para o comércio e conexão internacional, funcionaram como vitais pontos de difusão do futebol. Através de marinheiros, comerciantes e missionários, o futebol foi introduzido em terras estrangeiras, impactando de forma significativa na globalização do esporte (Kupper, 2019).

Paralelamente, o cenário do século XIX na Inglaterra foi profundamente alterado pelo advento do êxodo rural em decorrência da Segunda Revolução Industrial, o qual foi marcado pelo deslocamento massivo da população rural para

centros urbanos, configurando assim, o panorama socioeconômico do país (Holt, 2007).

Com essa expansão, o futebol não se restringiu aos grandes centros urbanos. Instituições educacionais também tiveram papel primordial na disseminação do esporte. Segundo Dean Allen (2014, p. 22): “The aristocracy and the landed gentry had become firmly convinced of the inherent social value of sport (...) there was a move to ensure that sport’s “school of moral training” would continue for successive generations of young men”.

Por conseguinte, observa-se que, o processo de difusão do futebol na Inglaterra não pode ser desvinculado do contexto socioeconômico e cultural da Era Vitoriana. O advento entre a revolução industrial e a consolidação do futebol como esporte e instituição social demonstra-se evidente para a disseminação do esporte. Tendo estabelecido a difusão e consolidação do futebol na Inglaterra, mostra-se necessário compreender a interação entre o futebol e a construção da identidade nacional inglesa através do esporte.

2.2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

O presente subcapítulo explora a relação entre o futebol e a construção da identidade nacional inglesa, enfatizando o papel central do esporte na cultura britânica. A análise abordará a emergência do futebol no cenário britânico, sua simbologia no contexto das transformações sociais e geopolíticas e sua consolidação como representação da identidade coletiva inglesa.

Presente na raiz do imaginário cultural dos britânicos, o futebol apareceu em um momento crucial de autoafirmação no cenário internacional, particularmente durante as complexidades da Primeira Guerra Mundial. Atualmente, o futebol transcende a mera definição de esporte na Inglaterra. A reiterada afirmação “*It’s coming home*” após cada Copa do Mundo é um testemunho da crença enraizada de que a Inglaterra é a verdadeira “casa” do futebol, ela sintetiza que o futebol tem uma “casa”, e essa casa supostamente seria a Inglaterra. Este esporte, contudo, não mexe apenas com os torcedores fanáticos; é um pilar cultural que influencia profundamente a identidade nacional britânica.

O nacionalismo, emergindo das revoluções e movimentos europeus do século XIX, criou o despertar da consciência nacional. O futebol, neste contexto, serviu

como um canal vital para expressar e celebrar essa crescente identidade, o qual se transformou em um instrumento que amplifica o orgulho nacional, não apenas para os jogadores, mas também para os espectadores, reafirmando sua conexão com a nação. Esta sensação de pertencimento foi fortalecida pelo apoio aos clubes locais e à seleção nacional.

Nesse sentido, neste subcapítulo será abordado mais detalhadamente o aspecto político durante a Era Vitoriana (1837-1901), bem como a interação do futebol com as dinâmicas urbanas do período.

2.2.1. Política da bola

Esta seção tem como objetivo analisar a relação entre futebol e política na Inglaterra, com ênfase no período vitoriano. A discussão se concentra em como o futebol, além de ser um esporte, reflete a identidade política e cultural da Inglaterra. Para isso, será delineada a evolução do futebol em paralelo com as tradições políticas do país.

O futebol na Inglaterra não se limita a ser um esporte para o lazer civil. Tal como a monarquia parlamentar se consolidou como sistema de governo, o futebol é parte dissociativa da sociedade inglesa. Embora a origem exata do futebol seja incerta, englobando diversas civilizações e culturas ao longo da história, foi na Inglaterra que o esporte se consolidou em sua forma moderna, estabelecendo desde as regras fundamentais até o número padrão de jogadores (Goldblatt, 2006).

Essa análise em relação ao sistema parlamentarista britânico revela uma analogia com o futebol. Conforme elucidado por Kupper (2020, p.174): “[...] em que o poder não se centraliza em uma única figura, mas é compartilhado entre facções sociais adversárias, exigindo constante negociação e alternância, sempre regidas por normas estabelecidas”. Além disso, da mesma forma que na configuração política inglesa, no futebol, os clubes competem em um terreno nivelado, submetendo-se a regras claras e pré-definidas que visam assegurar a equidade da competição.

Os clubes de futebol, em sua essência, emergem como entidades primordiais que atraem fervorosa admiração e prestígio, atuando como um símbolo de coesão. Isso é evidenciado na unidade nacional que se manifesta na figura da monarquia (Holt, 2014).

Portanto, como observado, o futebol e a política na Inglaterra possuem semelhanças que contribuíram conjuntamente para a formação da identidade e cultura nacional britânica. Assim, faz-se necessário analisar a interação entre o futebol e o panorama urbano da Inglaterra, ao explorar como o esporte se entrelaça com as dinâmicas das cidades e espaços geográficos britânicos.

2.2.2. Conjuntura urbana

A seção a seguir propõe uma análise sobre o impacto da urbanização na evolução e consolidação do futebol na Inglaterra. A abordagem será desenvolvida examinando a interação das cidades e territórios ingleses da época, marcada por diferentes mudanças urbanas.

Durante a formação do futebol na Inglaterra, diversas formas de organização da sociedade já se encontravam em estágio avançado de consolidação, como as estruturas urbanas (Holt, 2014). A reconfiguração territorial decorrente das mudanças induzidas pela Revolução Industrial permitiu que o futebol se adaptasse e prosperasse nesses espaços urbanos renovados, diferentemente das extensas áreas rurais que o precederam.

A paisagem urbana contemporânea trouxe essa maior proximidade geográfica. Inúmeras partidas refletiram antigas rivalidades territoriais existentes no passado, sendo agora, disputadas no gramado (Holt, 2014). Esta representação era evidenciada na nomenclatura dos clubes, muitos dos quais levavam nomes de ruas, bairros ou cidades, perpetuando assim suas tradições e contendas locais sob o prisma esportivo. Holt (2014, p. 5) ilustra este fenômeno, afirmando: “Old territorial rivalries and customs could be adapted to modern forms of regulation, and there must have been plenty of sides who carried on old parish battles under new colours.”

Em meio à expansão urbana e ao surgimento de vastas zonas industriais, o futebol emergiu como um catalisador na formação de vínculos sociais na sociedade contemporânea. Equipes formadas a partir dessas interações urbanas consolidaram-se como entidades estruturadas, fomentando e intensificando o sentimento de pertencimento a uma localidade (Holt, 2014). Esta dinâmica estabeleceu uma conexão profunda entre o esporte e as tradições locais, o que culminou na afirmação da identidade regional.

Para exemplificar a relação entre o futebol e o cenário urbano, os "derbys" (ou "clássicos", como popularmente chamado no Brasil) servem como um estudo de caso relevante. Estes confrontos se tornaram momentos cruciais de análise, pois os elementos envolvidos nesses embates revelam como a busca pela supremacia local reforça a identidade e o orgulho cívico, como por exemplo, um dos clássicos mais antigos do mundo, e que ainda hoje revela essas tensões, chamado de "Tyne-Wear Derby", disputado entre Newcastle e Sunderland. Essa tensão foi enraizada em conflitos econômicos e políticos que datam da Guerra Civil Inglesa no século XVII, onde as desigualdades comerciais sob o reinado de Charles I (1625-1649) levaram a divergências significativas, culminando na Batalha de Badon Hill (1644), onde as tensões entre as cidades foram exacerbadas por alianças opostas na guerra. Este embate histórico estabeleceu as bases para uma divisão profunda, refletindo-se até nos confrontos futebolísticos modernos entre os clubes das duas cidades. Holt (2014, p.13) destaca: "Yet by competing so fiercely for the sporting dominance of a particular city, derby games paradoxically strengthened rather than weakened civic pride."

Dessa maneira, evidenciou-se como o esporte se tornou uma representação simbólica das lutas industriais, com cada vitória funcionando como uma reafirmação do domínio industrial, cultural e social de uma cidade ou região sobre outra. Esta seção buscou elucidar essas relações, concluindo com uma reflexão de Richard Holt: "My approach centres on ideas of 'community' and the way that football was able to sustain traditions of cohesion, territoriality and festivity both at the neighbourhood level and in the new and wider world of the mature industrial city" (Holt, 2014, p. 6). Assim, para alcançar o objetivo da pesquisa, no próximo subcapítulo se aprofundará mais a questão da Classe Operária.

2.3. CLASSE OPERÁRIA

Este subcapítulo tem o intuito de realizar a correlação entre a classe operária e o desenvolvimento do futebol na Inglaterra, principalmente, no contexto da Segunda Revolução Industrial. Para isso, serão abordadas as raízes industriais e operárias que moldaram a origem dos clubes de futebol e a evolução do esporte no contexto inglês. Ao longo deste subcapítulo, será delineada a trajetória do futebol

desde o início até sua consolidação como um fenômeno nacional e a formação dos primeiros clubes operários.

No contexto europeu, e global, o futebol se destaca por sua profunda conexão com a classe operária, nenhum outro esporte conseguiu reter mais a atenção dessa classe trabalhadora (Korr, 2015). E na Inglaterra, a maioria dos clubes que evoluíram para o profissionalismo emergiram das conjunturas urbanas, como observado anteriormente, de igrejas ou de indústrias locais (Korr, 2015). Tais equipes eram frequentemente compostas por colegas de trabalho que se congregavam para competir em terrenos próximos às fábricas, e dessa forma, originaram-se as ligas e campeonatos estruturados. Porém, com a intensificação da Revolução Industrial, a natureza do futebol começou a se transformar. O que inicialmente era uma mera atividade de lazer começou a ser influenciado pelas dinâmicas capitalistas de produção e consumo (Kupper, 2019).

O desenvolvimento do futebol operário na Inglaterra foi intrinsecamente ligado à trajetória industrial e operária do país (Kupper, 2020). O fortalecimento da relação entre o futebol e a classe trabalhadora culminou na consolidação do futebol como uma paixão nacional. Este sentimento de pertencimento surgiu em um período em que muitos trabalhadores, deslocados de suas origens devido à industrialização, buscavam reencontrar sua identidade e comunidade. E dentro desse espaço que era criado para interação, Taylor (1971, p.357) afirma que: “The great majority of the League Clubs of today grew out of the concern of groups of working men to develop their primary-group relationships in what leisure-time they had.”

Nesse sentido, a classe operária desempenhou um papel central na formação e evolução do futebol inglês, servindo como um retrato de suas lutas, aspirações e cultura. Assim, é necessário analisar a Revolução Industrial e sua interação direta com os aspectos futebolísticos, para retomar o objetivo central da pesquisa, que é a correlação e influência do futebol e movimento operário.

A revolução industrial, ocorrida na Inglaterra, marcou uma transformação na história do país e do mundo. Moldando não apenas o setor produtivo, mas também a cultura e o cotidiano da sociedade. Nesse contexto, o impacto da Revolução Industrial não se restringiu ao avanço tecnológico ou ao crescimento econômico, permeou também, as esferas culturais e sociais da Inglaterra. Paralelamente a essas transformações, o futebol emergiu e se consolidou como um símbolo da era industrial, refletindo as dinâmicas e valores dessa revolução (Kupper, 2019).

A institucionalização das regras do futebol em 1863, com a fundação da Football Association, ocorreu em um contexto de rápidas transformações industriais e urbanas, marcando a Segunda Revolução Industrial. Conforme observado por Kupper (2019, p. 236):

"Não se deve estranhar a multiplicação das regras esportivas a partir do século XVIII, em plena fase da explosão revolucionária produtiva industrial [...]. Isto porque Revolução Industrial e futebol (entre outros esportes) baseiam-se na competição, na produtividade, especialização de funções e quantificação de resultados."

Assim, a consolidação do parlamentarismo e a ascensão do capitalismo industrial influenciaram significativamente o esporte, o que refletia os valores e mentalidades da produção em massa.

O surgimento do trabalho assalariado e a conseqüente estruturação da jornada de trabalho propiciaram a valorização do tempo livre. O futebol, com suas partidas agendadas e sua duração fixa, adaptou-se de forma aceitável a essa nova temporalidade. Dessa forma, o esporte tornou-se um componente central do lazer da classe trabalhadora, permitindo-lhes participar de jogos durante os fins de semana ou após o expediente. Kupper (2019, p. 235) salienta que "[...] o futebol que, em tempos contemporâneos, evoluiu de seu caráter recreativo para tornar-se uma atividade intrinsecamente ligada ao consumo de massa, baseando-se predominantemente em relações capitalistas."

Sendo assim, destaca-se que há uma relação entre a Revolução Industrial e a ascensão do futebol na Inglaterra. Com isso, faz-se necessário compreender como esse relacionamento moldou os clubes e coincidiu com a profissionalização do esporte.

2.4. FORMAÇÃO DE CLUBES E LIGAS

A evolução do futebol na Inglaterra, desde seu nascimento até sua profissionalização, é profundamente influenciada pelo surgimento de clubes operários e ligas de futebol. Este subcapítulo tem como objetivo principal elucidar a origem e o desenvolvimento desses clubes no contexto inglês, destacando sua estreita relação com as comunidades locais e a indústria. O texto se desdobrará,

principalmente, em torno da criação dos clubes operários e da profissionalização do esporte no país.

Com a crescente mecanização e centralização das fábricas no final do século XIX, as dinâmicas de interação entre os trabalhadores sofreram alterações significativas. Neste cenário, os clubes de futebol surgiram como uma resposta, ajudando a preservar tradições ancestrais e proporcionando um meio de lidar coletivamente com as transformações trazidas pela urbanização e migração do campo para as cidades (Holt, 2014).

Aprofundando na questão dos clubes operários, é possível analisar a relação entre eles e as fábricas sob a perspectiva de Kupper (2020, p.174), em que: “Os clubes ingleses foram associados ao processo industrial, estruturando-se a partir de empresas siderúrgicas (caso do West Ham), ferroviárias (Manchester United) e armamentistas (caso do Arsenal).” Esta associação com indústrias específicas deu a muitos clubes uma identidade única, refletindo a cultura e os valores das comunidades que representavam.

No entanto, a formação de clubes de futebol na Inglaterra foi um processo moldado por diversas influências, desde relações comunitárias até influências industriais. Estes clubes não apenas refletiam a cultura e os valores de suas comunidades, mas também desempenhavam um papel vital na adaptação e resposta às rápidas transformações do século XIX. Na próxima seção, será demonstrado como essa influência ocorreu na prática.

2.4.1. Clubes operários

Essa seção dedica-se à história de dois dos primeiros e principais clubes operários ingleses, o *Millwall Rovers* (1889) e o *Blackburn Olympic Football Club* (1878), explorando assim, como o futebol, nascido nas camadas sociais mais altas da Inglaterra vitoriana, encontrou espaço para revolucionar as comunidades operárias, de forma que, priorizando a análise dos clubes iniciais que oferecem registros significativos para investigação, possamos traçar um paralelo com o que ocorreu no início da trajetória no futebol brasileiro. O surgimento dos clubes operários nos finais do século XIX não foi apenas um marco na história do esporte, mas também um reflexo significativo das transformações sociais e econômicas que marcaram a era industrial.

Primeiramente traremos análise do *Millwall Rovers*, clube que se originou no Sudeste da Inglaterra, mais precisamente em Londres (Robson, 2001). A formação deste clube reflete uma iniciativa independente de trabalhadores que, desvinculados de influências industriais diretas, fundaram uma instituição focada exclusivamente no futebol (The Millwall History Files).

Nesse sentido, o Millwall Rovers surge como um emblema da evolução da classe trabalhadora britânica e das dinâmicas do processo imigratório durante a industrialização. Fundado em 1885, o clube foi iniciado por operários da fábrica C&E Morton's, anteriormente conhecida como JT Morton. Notavelmente, a equipe era composta majoritariamente por imigrantes, provenientes principalmente da Escócia e do norte da Inglaterra (Robson, 2001) .

O que distingue o Millwall de muitos outros clubes da época é seu foco exclusivo no futebol. Enquanto outros clubes frequentemente associavam-se a esportes como críquete ou rugby, o Millwall Rovers manteve-se fiel ao futebol (Robson, 2001). Esta decisão reflete uma organização autônoma dos trabalhadores, alheia a influências externas ou associações a múltiplos esportes. Como indicado nos registros históricos do clube: “A group of workers in a preserve factory – many of them Scottish, some English – were convinced they could form a football team to give other local clubs a tough time.” (The Millwall History Files).

Agora falaremos do Blackburn Olympic Football Club, outro emblemático time de futebol operário. Localizado no Condado de Lancashire, nasce o Blackburn Olympic em uma região caracterizada por sua intensa atividade industrial, particularmente no setor têxtil, muito por isso, a equipe era composta majoritariamente por operários, incluindo tecelões de algodão, fiandeiros, operadores de máquinas, além de encanadores e até um assistente odontológico (Goldblatt, 2006) . Fundado em 1878, não era apenas um clube de futebol, mas uma representação da classe trabalhadora da região. Em relação a criação desse clube, expressa-se um outro ponto interessante da análise da Inglaterra nesse cenário, que é a existência de outras formas de organização consolidadas, principalmente urbanas, que propiciaram o encontro desses operários de diferentes fábricas para a criação desse através de dois outros clubes de bairro (Phytian, 2007).

Esses clubes representam dois exemplos dos primeiros clubes operários fundados na Inglaterra, surgindo sem o patrocínio ou incentivo direto das fábricas, destaca-se portanto, uma formação orgânica e autônoma. Esta independência

marca uma tendência desses primeiros clubes operários ingleses observados em nosso estudo, enfatizando a determinação dos trabalhadores em estabelecer sua própria instituição futebolística. Representa a capacidade dos trabalhadores de se organizarem independentemente e de forjar sua própria identidade no mundo do esporte em um país já estabelecido por outras dinâmicas sociais, principalmente, em regiões industrializadas, e assim, evidenciar um aspecto de instrumentalização do futebol por parte do movimento operário.

Na Inglaterra, o surgimento de clubes operários marcou significativamente a paisagem do futebol, refletindo a dinâmica social e a cultura das comunidades trabalhadoras. Clubes como o Arsenal F.C. (1886), inicialmente conhecido como Dial Square por trabalhadores do Arsenal Real de Woolwich, o Manchester United (1878), originalmente formado por trabalhadores da Lancashire and Yorkshire Railway como Newton Heath LYR F.C., e o West Ham United (1895), vinculado aos operários do estaleiro Thames Ironworks, exemplificam como o futebol se entrelaçou com o movimento operário na Inglaterra. Esses clubes apresentam dinâmicas semelhantes e que reforçam símbolos de resistência e orgulho dentro de suas respectivas comunidades, demonstrando o impacto significativo do movimento operário na evolução do futebol inglês.

À medida que avançamos para a próxima seção, continuaremos explorando a interação entre futebol, classe trabalhadora e as transformações sociais no contexto mais amplo, agora no que diz respeito à profissionalização do esporte.

2.4.2. Organização esportiva

Como foi elucidado nos subcapítulos anteriores a respeito do contexto da época, observa-se que antes da fundação de uma associação esportiva, o futebol na Inglaterra já era popular. Porém, o esporte representava um passatempo, jogado com regras totalmente distintas, em que cada região possuía sua própria versão.

A popularidade do futebol fez com que a necessidade de regulamentação se tornasse evidente. Como relatado por Russell (1999, p.15): “Association Football formally originated in a series of meetings held in London in 1863 and in its early years was largely a game for social elites.” Durante essa reunião, no dia 26 de outubro, representantes de onze clubes e escolas fundaram a Football Association (FA). Essa data pode ser considerada como o “pontapé inicial” do “futebol moderno”.

Acredita-se que a decisão de ter onze jogadores em cada equipe tenha sido inspirada nos onze representantes presentes (Kupper, 2019).

A criação da Football Association, pode servir como um marco para a conclusão de tudo o que foi apresentado até aqui no capítulo. Não foi apenas um momento importante para o esporte em termos de regras e jogabilidade, mas também refletiu nas mudanças sociais e econômicas que estavam ocorrendo na Inglaterra durante a era vitoriana. O esporte que inicialmente se tornou um patrimônio das elites, se transformou em uma paixão nacional que transcendia classes e origens, em um contexto histórico marcado por deslocamentos urbanos e transformações industriais. Portanto, o futebol conseguiu ser um meio de expressar identidade regional e nacional.

Assim, observa-se que o futebol, na Inglaterra, transcende a simples definição de um esporte. Sua trajetória é intrinsecamente entrelaçada às mudanças sociopolíticas e econômicas do país, revelando-se como um marco cultural. A narrativa do futebol revela-se como um emblema da identidade britânica, capturando seus desafios, desejos e conquistas.

Dessa forma, para alcançar o objetivo deste trabalho, no próximo capítulo, será realizada a de outro país completamente distinto em termos de formação de estado, conjuntura e contexto histórico. Assim, as características apresentadas pelo Brasil e sua relação com o futebol, mais precisamente, o futebol operário serão explorados, para explicitar as diferenças e semelhanças entre os dois países.

3. BRASIL

A trajetória do futebol brasileiro, desde sua ascensão até seu pleno reconhecimento como elemento da identidade nacional, é interligada com a evolução socioeconômica do país. O esporte em questão, mais do que qualquer outro, reflete as transformações, desafios e conquistas vivenciados pelo Brasil no começo do século XX. Esse capítulo tem como objetivo analisar essa relação, ao elucidar os principais marcos históricos do futebol brasileiro e ao relacioná-los com os contextos sociais e econômicos da época. Por meio dessa análise, busca-se compreender como o futebol se tornou não apenas um fascínio nacional, mas também um reflexo das complexidades e diversidades do Brasil, ou seja, parte da identidade nacional.

3.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Esse subcapítulo visa compreender a introdução e propagação do futebol no contexto social, econômico e histórico brasileiro, observando o panorama político da época e suas consequências na difusão do esporte. Com isso, será possível analisar a relação entre o futebol e a estrutura social da época no Brasil.

Em 1894, Charles Miller, frequentemente reconhecido como o precursor e “pai” do futebol brasileiro (Mills, 2005), retornou de sua estadia na Inglaterra trazendo consigo equipamentos para a prática do esporte e um manual com as regras. Embora a primeira partida de grande relevância tenha sido registrada apenas em 1899 em São Paulo, conforme citado por Waldenyr Caldas (1990), é essencial analisar o intervalo entre esses anos para identificar possíveis fatores que influenciaram a disseminação do futebol no Brasil.

A cidade de São Paulo, onde Miller desembarcou, tornou-se o centro inicial para a disseminação do esporte no país. Inicialmente praticado por uma elite restrita e seus associados (Pereira, 1998), o futebol começava a semear suas raízes no solo brasileiro. Entretanto, é importante reconhecer que a propagação do futebol não foi um processo simples, considerando principalmente os desafios de comunicação da época pela falta de um espaço dedicado ao esporte em jornais e rádios, mas que foi sendo vencido com o passar dos anos pela adesão dos leitores e ouvintes (Franzini, 1998).

No final do século XIX, o Brasil estava imerso na República Velha, um período marcado pela transição de um império monárquico para uma república federativa. Em 1894, o país entrou na fase conhecida como "República Oligárquica", dominada pelas oligarquias de São Paulo e Minas Gerais. Este período, marcado pela "Política do Café com Leite", solidificou a influência desses estados na política nacional. São Paulo, com seu poder econômico crescente devido ao ciclo do café e à emergente industrialização, tornou-se uma potência influente tanto política quanto culturalmente (Lucena e Grillo, 2010).

Embora o futebol tenha sido introduzido no Brasil como um esporte de elite, a virada do século testemunhou uma transformação gradual em seu *modus operandi*. As camadas sociais menos privilegiadas começaram a se envolver com o esporte, marcando uma transição na representatividade e inclusão no futebol brasileiro (Antunes, 1994). No entanto, essa inclusão não foi isenta de desafios, pois as tensões raciais e sociais refletiam a segregação existente na sociedade da época, onde: "A Constituição de 1891 proibiu a imigração africana e asiática para o país e os governos federal e estaduais da Primeira República (1891-1930) empreenderam esforços orquestrados no sentido de atrair a imigração europeia ao país." (Andrews, 1997, p. 97).

Conforme o futebol se solidificou como uma paixão nacional, tornou-se um espelho das dinâmicas e desafios da sociedade brasileira. À medida que o futebol ganhava popularidade, essas tensões se tornavam mais evidentes, refletindo a segregação que persistia na sociedade brasileira da época (Filho, 2010).

Por conseguinte, o futebol chegou ao Brasil em um momento de transformação política e econômica, com São Paulo como epicentro dessas mudanças. Sua evolução foi marcada por desafios, desde a sua introdução como um esporte elitista até sua eventual popularização.

O futebol, embora hoje seja intrinsecamente associado à cultura brasileira, não se popularizou instantaneamente no país. A introdução e evolução do esporte enfrentaram diversas problemáticas, desde a necessidade de materiais e campos adequados até a aceitação cultural da população. Culturalmente, o esporte foi inicialmente estabelecido para uma prática elitista, frequentemente associada à influência estrangeira e, por consequência, era inacessível à vasta maioria dos trabalhadores nacionais (Antunes, 1994).

Charles Miller, muitas vezes creditado como o introdutor do futebol no Brasil, não esteve sozinho nesse processo. Leonardo Pereira, em sua análise sobre a propagação do esporte, destaca a peculiaridade deste momento: “O sucesso alcançado pelo jogo nos seus primeiros anos no país por entre estes círculos da juventude refinada apresenta-se, desta forma, como um enigma a ser decifrado” (Pereira, 1998, p.14). Entretanto, outras personalidades como Oscar Cox, que retornaram ao Brasil após estudos na Europa, também desempenharam um papel crucial na promoção do esporte (Pereira, 1998).

O poder da mídia da época, embora limitado em comparação aos padrões atuais, enfrentou desafios na propagação das regras e do próprio esporte. A cobertura jornalística era escassa, e outros esportes, como o Críquete e o Remo, já estavam mais consolidados. Contudo, como Pereira destaca: “Ainda que no Brasil fossem poucos os que o conhecessem, ele era há tempos um evento mundial. Praticado na Inglaterra e em outros países da Europa desde meados do século XIX” (Pereira, 1998, p.16).

A trajetória do futebol no Brasil até o início do século XX destaca a complexidade do processo de difusão de um esporte em um contexto socioeconômico e cultural específico. O futebol, ao se integrar à identidade nacional, refletiu os desafios e as aspirações de um país em constante transformação. Assim, sua popularização ultrapassou barreiras socioeconômicas, solidificando sua presença no coração da nação.

O próximo tópico abordará como o futebol influenciou e foi influenciado pela identidade nacional brasileira, com ênfase nas intersecções entre política, sociedade e questões raciais.

3.2. FUTEBOL E IDENTIDADE NACIONAL

O presente subcapítulo visa elucidar a relação direta entre o futebol e a formação da identidade nacional brasileira. Ao longo desta seção, será explorado como o futebol tornou-se uma ferramenta de expressão política, social e cultural no Brasil, para realizar a comparação com a Inglaterra.

3.2.1. Política da bola

Essa seção se propõe a analisar a relação entre futebol e identidade nacional no Brasil, através de um espectro político, especialmente durante a Primeira República e a era Vargas. Através deste estudo, será investigado o papel do futebol como instrumento de construção da identidade nacional e sua instrumentalização política. O desenvolvimento deste tema possibilitará a análise da origem do futebol operário, sua relação com a política e os desafios e transformações enfrentados ao longo do tempo.

Durante a Primeira República, o Brasil ainda carregava vestígios dos períodos anteriores à sua formação. Apesar da influência de São Paulo e Minas Gerais mencionada anteriormente, o Rio de Janeiro, então capital do país, era um outro centro importante para as definições de rumo societário brasileiro. Contudo, em meio a essa dinâmica, surgiu uma oportunidade de apresentar uma imagem de convivência democrática e harmoniosa, na qual o futebol desempenhou um papel central.

A emergência do futebol no cenário nacional coincidiu com a busca por uma identidade coesa. Jogadores e torcedores começaram a ver na seleção nacional uma representação do país, solidificando um sentimento de pertencimento e identidade (Freyre, 1947).

A década de 1930, sob a liderança de Getúlio Vargas, consolidou o futebol como instrumento de mobilização nacional. Reconhecendo seu potencial não apenas como entretenimento, Vargas utilizou o esporte como meio de distração de questões políticas e sociais mais amplas (Pereira, 1998). A instituição do Ministério dos Esportes em 1930 evidenciou esta estratégia, com o governo apoiando o futebol para promover unidade e coesão nacional. Tal iniciativa buscou não apenas solidificar o futebol como paixão, mas também conciliar interesses divergentes, como os das federações do Rio de Janeiro e de São Paulo (Agostino, 2002).

Conforme Gilberto Agostino destaca em "Vencer ou Morrer: Futebol, Geopolítica e Identidade Nacional", o futebol se tornou um campo de batalha político em que rivalidades e identidades nacionais foram moldadas. As tensões que ocorreram após a eliminação na Copa do Mundo de Futebol no ano de 1930 são evidenciadas pelo autor Agostino (2002, p. 141):

“De volta à casa, as tensões entre paulistas e cariocas se acirraram ainda mais. Ambos culpavam-se mutuamente pelo fiasco, um grupo acusando o outro por ter traído a nação em um momento crucial da afirmação do futebol brasileiro no cenário internacional”.

Portanto, esse período que compreende a chegada do esporte no Brasil até a eliminação da seleção nacional em 1930 é essencial para compreender a evolução do futebol e sua relação com a sociedade. Para aprofundar a compreensão dessa identificação com a população brasileira, deve-se analisar também a presença fundamental do negro no futebol brasileiro.

3.2.2. O negro no futebol

No contexto da história do Brasil, o futebol desempenhou um papel notável na afirmação da identidade nacional, e a presença do negro nesse esporte desencadeou mudanças significativas nas relações raciais do país. Ainda que em menor escala quando comparado com a inclusão idealizada, jogadores afro-brasileiros começaram a ganhar visibilidade nos campos, superando as barreiras discriminatórias que antes os limitavam. Nessa seção, será discutida a evolução da participação do negro no futebol brasileiro e seu impacto na afirmação da identidade nacional.

Ao longo do tempo, o futebol tornou-se um agente de mudança nas relações raciais no Brasil. A introdução gradual de jogadores afro-brasileiros nos campos de futebol desafiou e superou as barreiras discriminatórias preexistentes, marcando uma era de transformação tanto no esporte quanto no panorama social do país. A obra "O Negro no Futebol Brasileiro" de Mário Filho (2010) oferece visões sobre essa evolução. Conforme expresso por Filho (2010), "O futebol não seria a paixão do povo se o povo não se identificasse com um time, o seu time, com uma bandeira e uma camisa", evidenciando a profunda conexão entre identidade, futebol e nacionalidade.

Contudo, a representação negra no futebol sofreu com as inúmeras barreiras socioculturais presentes na época. Afinal, a escravidão havia sido abolida há apenas seis anos, desde que a primeira partida oficialmente documentada conforme destaca a Câmara dos Deputados do Brasil (2023). Clubes operários da época, embora refletissem a diversidade da classe trabalhadora, frequentemente excluíam

jogadores negros de suas fileiras. Esta exclusão estava enraizada na percepção elitista do futebol e na predominância de jogadores brancos, mesmo em equipes com forte influência estrangeira, como o The Bangu Athletic Club (Filho, 2010). E os jogadores negros que conseguiam adentrar em um clube, zelavam e investiam em sua estética e aparência, em uma tentativa de superar estereótipos raciais criados em relação às suas imagens e raças. Enquanto isso, a história de Carlos Alberto, conhecido como "Pó de Arroz" no Fluminense, ilustra as tensões raciais no futebol brasileiro do início do século XX de forma mais ávida no contexto dos clubes de elite. O uso do pó de arroz para clarear a pele e assim ser aceito no clube reflete as barreiras raciais que atletas negros enfrentavam (Filho, 2010). Este episódio não só marca um momento de resistência contra o racismo no esporte, mas também evidencia a persistência de preconceitos raciais que jogadores afro-brasileiros precisavam superar para brilhar no futebol nacional.

Enquanto alguns clubes reforçaram as estruturas do racismo, promovendo uma repressão sistemática, outros desempenharam um papel crucial na quebra desses paradigmas, buscando conferir dignidade aos jogadores negros em um Brasil pós-abolição, marcado por desafios e a ausência de políticas efetivas de integração para a população afrodescendente na sociedade. O Club de Regatas Vasco da Gama (1898) emerge como um protagonista na luta antirracista nos primórdios do futebol brasileiro, demonstrando um comprometimento com a inclusão racial mesmo antes de sua ascensão à primeira divisão. Este posicionamento do Vasco não apenas desafiou o padrão, mas também estabeleceu um legado de resistência contra as práticas discriminatórias, contribuindo significativamente para a promoção da igualdade racial no esporte e expandindo a luta para outras esferas da sociedade.

Assim, a seleção brasileira de futebol tornou-se objeto para a promoção da diversidade racial. Em contrapartida, também foi palco para afirmação de uma cultura racista enraizada na estrutura. Assim como muitos outros setores da sociedade, essa área refletia as tensões raciais e as políticas discriminatórias predominantes na época. Inclusive, isso ocorreu em um episódio em que os jogadores negros da seleção brasileira foram impedidos de atuar em uma partida contra a Argentina em 1921. Na época, afirmou-se que "A justificativa era preservar a reputação do país no exterior" (Martel, 2021). Mas que pouco tempo depois tem-se o reconhecimento de que, o sucesso do futebol brasileiro no mundo, passa pelo

talento dos jogadores negros, como presenciamos na seleção de 1938, onde os jogadores negros, Domingos da Guia e Leônidas da Silva, comandaram atuações magistrais das décadas de 1930 e 1940.

Portanto, a inclusão e a ascensão dos jogadores negros no futebol brasileiro constituem marcos esportivos, como também momentos cruciais na construção da identidade nacional brasileira aliada ao movimento racial emergente. Através de sua perseverança e talento, estes jogadores desafiaram normas preexistentes, promovendo uma imagem mais inclusiva e diversificada do Brasil no cenário mundial. Essa trajetória serve para compreender as dinâmicas mais amplas da classe operária no Brasil. Assim, no próximo subcapítulo, será examinada de forma mais aprofundada as relações de trabalho, os movimentos sociais e as lutas da classe trabalhadora, e como estas se entrelaçam com o futebol e a construção da identidade nacional.

3.3. CLASSE OPERÁRIA

O propósito central deste subcapítulo é realizar a conexão entre a classe trabalhadora e o futebol brasileiro, analisando como o esporte não apenas reflete, mas também instrumentaliza as dinâmicas sociais.

O futebol consolidou-se como um espaço de encontro entre os mais variados elementos da sociedade. Esta convergência, ao longo da história do esporte, proporcionou um ambiente propício ao diálogo, interação e conflito entre indivíduos de diferentes *status* sociais. A popularização do esporte e a diversificação de seu público deram voz a debates sociopolíticos e econômicos. Contudo, esta expansão suscitou debates sobre a potencial utilização do futebol como instrumento de alienação operária, principalmente porque no Brasil, o esporte já chegou com essa visibilidade pelos donos das fábricas inglesas.

Nesse contexto, a relação do futebol com a alienação do trabalhador pode ser evidenciada em algumas práticas realizadas por essas empresas. Como citado por Anatol Rosenfeld, houve uma instrumentalização do futebol para "domesticar" os corpos dos operários, promovendo a ideia de pertencimento de um grupo, e assim, aumentando a satisfação pelo ambiente fabril (Rosenfeld, 1973). Essa ideia era difundida no Brasil desde o surgimento do esporte, principalmente pelos movimentos sociais, em que: "Os argumentos dos militantes anarquistas concentravam-se na

inutilidade de sua prática, na sua origem burguesa e na anulação do intelecto pelo físico [...]” (Stédile, 2013, p. 21).

Com isso, dentro de muitos sindicatos, havia-se uma resistência crescente ao futebol, visto pela maioria como um "esporte burguês", que ameaçava o movimento operário nas fábricas. O ápice dessa tensão foi no início da década de 1930, em que anarquistas e comunistas criticaram o futebol, alegando que ele diminuiria a adesão de seus movimentos (Antunes, 1994). Apesar desta resistência, a crescente popularidade do futebol rondou todas as classes sociais. E embora a luta continuasse, não seria possível resistir por muito tempo a popularização e adesão do esporte por todas as camadas sociais. Era possível ver além do enfraquecimento, uma disputa interna dos trabalhadores por um lugar no time da fábrica, porque os benefícios dessa posição trabalhador-atleta trariam ganhos individuais para esses operários (Antunes, 1994).

Esse subcapítulo trouxe uma reflexão importante de como o futebol, em sua complexidade, conferiu na configuração das relações sociais operárias. Principalmente no que compete a alienação do trabalhador e a resistência dos movimentos operários e políticos no país.

Em seguida, será realizada uma análise da formação de clubes operários e da profissionalização do futebol no Brasil, compreendendo como estas formas de agrupamento influenciaram e foram influenciadas pela sociedade nacional.

3.4. FORMAÇÃO DE CLUBES E LIGAS

O subcapítulo em questão irá analisar a evolução do futebol no Brasil, com ênfase na formação de clubes operários e na subsequente profissionalização do esporte. Assim, será evidenciado o caminho do futebol desde suas origens elitistas até sua democratização e institucionalização como um esporte nacional.

Apesar da trajetória inicial do esporte “bretão” no Brasil estar totalmente ligada à burguesia, a formação da criação de clubes operários foi um processo árduo e conturbado em diferentes aspectos, tendo esse declínio elitista consolidado de fato a partir do início dos anos 30.

A periodização é importante para compreender os contextos de cada época, em que será considerado três etapas principais dentro da caracterização do futebol

no Brasil como apontado por Filho (2010): O primeiro período consiste na chegada do futebol no país até meados de 1910, quando o futebol é completamente dominado e praticado pela elite. No segundo período se destaca a descoberta e ascensão das outras camadas sociais com o jogo. E por fim, no terceiro período, se inicia uma nova fase a partir de meados de 1930 com a promoção do esporte e profissionalização incentivados pelo governo.

Para ilustrar esse processo evolutivo, a formação de dois clubes operários oriundos de duas diferentes regiões do país serão retratados. Assim, será possível observar as diferenças, e principalmente, as semelhanças no modo como o futebol foi adotado, instrumentalizado e institucionalizado em contextos variados.

3.4.1. Clubes operários

Como o subtítulo deste trabalho de conclusão de curso propõe, será analisado portanto, o início da trajetória do futebol operário nesses dois países, com isso, direciona-se os esforços para os primeiros clubes que possuem registros qualitativos para análise.

A primeira reflexão é direcionada ao Rio de Janeiro, mais precisamente a um time chamado *The Bangu Athletic Club* (1889), que foi fundado em 1904 e mantido através da Companhia de Progresso Industrial do Brasil. O clube contava com funcionários ingleses e técnicos vindos diretamente da Inglaterra sob aprovação dos diretores da Fábrica Bangu do Rio de Janeiro. Cedendo também terreno para construção do campo e conjunto de uniformes (Santos Junior, 2013).

Conforme observado por Filho (2010, p. 43): “E o Bangu tinha os seus ingleses, mais brancos que os brasileiros do Botafogo. Tinha os seus ingleses, mas tinha também os seus operários, os seus brancos pobres, os seus mulatos, os seus pretos”. Esta diversidade, que uniu diferentes classes e raças, destacou-se principalmente nos clubes operários emergentes da época.

Contudo, essa variedade de classes e raças, era em um primeiro momento, exclusividade desses clubes operários que estavam surgindo, e mesmo assim, com uma quantidade bem inferior das intituladas “minorias” da época. Porém, em relação aos rivais cariocas do Bangu na época, Botafogo e Fluminense, pouco se tinha essa variedade (Pereira, 1998). Eram todos da elite carioca da época, de famílias

tradicionais e estudantes dos melhores colégios, saber jogar futebol, nesse caso, não bastava.

O segundo clube operário analisado foi fundado em São Paulo, mais precisamente no município de Sorocaba. Engenheiros e técnicos ingleses da Fábrica de Tecidos Votorantim fundaram o *Votorantim Athletic Club* (1894). (Antunes, 1994). O Votorantim seguiu uma lógica que era o retrato do futebol operário na época no Brasil e que foi abordado no trabalho para elucidação dos fatos. Mais um vez esse projeto acabou se tornando uma prática onde a beneficiária seria a burguesia, através da prática de lazer, aumentando o vigor físico dos operários e no processo de alienação dos trabalhadores, mantendo-lhes ocupados demais para pensarem em melhores condições de trabalho e aumento de salários (Máximo, 1999). Nesse caso, ainda houve um pacto entre os “irmãos continentais”, ingleses e italianos, onde os donos, dirigentes e principais técnicos operadores da fábrica eram da Inglaterra e os trabalhadores operários eram imigrantes da Itália (Antunes, 1994).

Esses clubes refletiram assim a ideia de que, no Brasil, o movimento operário foi instrumentalizado pelo futebol, já com a ideia de que a prática do esporte os traria benefício para gerir melhor os operários, ganhar uma visibilidade maior no nome da fábrica, que frequentemente, batizava esses clubes e na emulação das classes, através da dinâmica de competir com os clubes de elite brasileiros da época.

Posteriormente, como ocorreu no início da trajetória do futebol na Inglaterra, novos clubes operários foram surgindo em novos contextos e cidades, com uma maior gama de representações e organizações. O *Sport Club Corinthians Paulista* (1910), originário do bairro operário de Bom Retiro em São Paulo e representativo dos trabalhadores das indústrias locais, o *Clube Atlético Juventus* (1924), vinculado aos operários da Fábrica de Tecidos Cotonifício Rodolfo Crespi na Mooca, destacando-se pela sua conexão com a comunidade italiana, e o *Operário Ferroviário Esporte Clube* (1912) de Ponta Grossa, refletindo a classe dos trabalhadores ferroviários, exemplificam a profunda relação entre o movimento operário e o futebol brasileiro, que tiveram sua fundação em outro momento, mas que simbolizam a influência e a importância do movimento operário no futebol brasileiro. Cada clube, emergindo de contextos distintos, reflete o papel fundamental dos trabalhadores na popularização e desenvolvimento do esporte no Brasil.

3.4.2. Organização esportiva

Esta seção irá tratar sobre a organização esportiva junto a sua profissionalização. A ideia central consiste em explorar o modo que o governo brasileiro, ao reconhecer o futebol como um instrumento valioso de propaganda e unificação, buscou intervir mais diretamente em sua estrutura. Ao longo desta seção, as ações do governo serão discutidas, em conjunto com a resistência de algumas entidades esportivas e as implicações dessa intervenção estatal na evolução do futebol no país.

Durante o Estado Novo, o governo brasileiro reconheceu o potencial do futebol como instrumento de propaganda e unificação nacional (Miranda, 2007). Desse modo, a criação do Conselho Nacional de Desportos (CND) marcou uma intervenção estatal mais direta na organização e administração dos clubes e ligas (Agostino, 2002). Essa influência governamental buscava estabelecer padrões e diretrizes, muitas vezes impondo uma burocracia que mudaria o futebol brasileiro por décadas. Essa interferência estatal não ocorreu sem resistência. Enquanto algumas associações esportivas aceitaram e se adaptaram às novas diretrizes, outras buscaram preservar sua autonomia e resistir à centralização proposta pelo CND, principalmente o eixo Rio de Janeiro-São Paulo (Agostino, 2002).

Em resumo, a trajetória do futebol brasileiro durante o século XX, em particular durante o Estado Novo, é uma representação literal das tensões entre a intervenção estatal na autonomia das entidades esportivas. A influência governamental, embora buscasse uniformizar e centralizar a prática esportiva, enfrentou resistências que refletem a complexidade e diversidade do cenário futebolístico brasileiro.

Com o fechamento dos capítulos anteriores, é possível iniciar a análise mais detalhada e fundamentada sobre como se deu a relação entre futebol e o movimento operário no Brasil e na Inglaterra.

4. ANÁLISE COMPARATIVA

Nesse capítulo será realizada uma análise comparativa em relação aos países referidos, Brasil e Inglaterra. O final do século XIX foi um período de transformações profundas em diversas partes do mundo. Em meio a essas mudanças, o esporte, em particular o futebol, começou a ganhar destaque não apenas como uma atividade recreativa, mas como um reflexo das interações sociais, políticas e culturais de uma nação. Assim, neste trabalho foram apresentados dois países com histórias e contextos significativamente diferentes, que encontraram no futebol uma forma de identificação que traz reconhecimentos internacionais até os dias de hoje, mas com experiências, interpretações e motivos distintos. Esta análise busca entender e comparar a trajetória do futebol e seu impacto nas sociedades brasileira e inglesa durante esse período crucial, que compreende o surgimento dos primeiros clubes de futebol operário nos respectivos países

4.1. ASPECTOS GERAIS

Este subcapítulo aborda a propagação do futebol no Brasil e Inglaterra, analisando sua incorporação na cultura de ambos os países e contextualizando-o dentro dos cenários políticos e sociais da época. Além de explorar, sob a perspectiva das teorias de Thorstein Veblen, as ideias de classe ociosa, consumo conspícuo e emulação de classes aplicadas no futebol operário e de elite. Assim, será ilustrado as trajetórias distintas que o futebol tomou em cada nação, ao mesmo tempo em que destacado a influência entre o esporte e os contextos sociais mais amplos.

Em relação a difusão do futebol, como relatado nos capítulos previamente, observa-se processos diferentes de aparição e instauração do esporte na cultura do país. Na Inglaterra, o futebol já era uma atividade estabelecida no final do século XIX, sendo considerada o “berço” do futebol moderno, não só na Europa, como no mundo inteiro. Muito se deve à fundação da Football Association e a unificação das regras do esporte através do que ali havia sido ditado. Já no Brasil o contexto foi completamente diferente, o retorno de Charles Miller a São Paulo e de outros estudantes vindos, principalmente da Inglaterra, com equipamentos e regras do jogo,

marcou o início desse esporte no país. Nota-se que quando Charles Miller vem para São Paulo, a FA já havia sido fundada e as regras do futebol moderno já haviam sido estabelecidas, o que facilitou na difusão de um esporte mais homogêneo entre os praticantes, diferentemente do que ocorreu na Inglaterra, em que o esporte já havia diferentes praticantes jogando sobre o regimento de regras totalmente diferentes.

Em termos políticos e de conjuntura social, a Inglaterra estava sob um período marcado pela 2ª Revolução Industrial e a expansão do Império com a Rainha Vitória na liderança da Monarquia Parlamentarista, consolidando-se como uma das maiores potências globais na época. Já o Brasil estava em plena transição de forma de governo, passando de uma Monarquia, para a primeira forma de República Federativa instaurada no país, a República Velha, em que sua economia dependia principalmente da exportação de café e era observada uma instabilidade política.

Em relação a origem dos primeiros clubes operários em cada país, sob a perspectiva de Thorstein Veblen (1974), paralelos podem ser traçados com as características presentes. Veblen conceitua “Classe ociosa” como a representação de uma classe que não está envolvida em atividades industriais ou trabalho braçal, sendo frequentemente associada à classe burguesa. Esse grupo, ao criar esse distanciamento das classes inferiores, desenvolveu um hábito de se aperfeiçoar no que diz respeito aos estudos e na busca pelo aprimoramento de seu comportamento na sociedade civil, destacando-se pela busca de produtos de alta qualidade. Ela é caracterizada também pelo seu tempo livre e energia para investir nas atividades citadas anteriormente e, assim como no lazer. Desse modo, a prática do futebol se encaixou nesse contexto de ócio dessas classes em ambos os países, contrapondo os times operários e sendo representados pelos clubes de elite, em que o ócio, como descrito por Veblen (1974, p. 300): “[...], na conotação que tem neste estudo, não implica indolência ou quiescência”. Sendo justamente, o status e prazer de gozar do tempo livre. Veblen argumenta que é o lazer, e não o trabalho, que reforça e manifesta as diferenças sociais. O tempo livre torna-se um indicador de status, demonstrando a capacidade da classe ociosa de viver confortavelmente e consumir sem a necessidade de trabalhar. As atividades de lazer são uma prova de que essa classe pode se dedicar ao consumo sem restrições (Veblen, 1974).

Em contrapartida, os clubes operários representam uma outra esfera, as que desejam também ter o direito de jogar futebol, não apenas por diversão, mas para se

assemelhar aos clubes de elite. Thorstein Veblen (1974) observou que nas comunidades industriais modernas, a classe ociosa, estando no topo da hierarquia social, estabeleceu padrões de comportamento e de consumo que eram emulados pelas classes inferiores. A partir daí, cria-se um padrão de comportamento em que as classes superiores viraram referencial ideal para o restante da sociedade. Como o próprio autor cita: “É, portanto, evidente que a presente tendência do desenvolvimento vai na direção de aumentar, mais que o ócio, o consumo conspícuo” (Veblen, 1974, p.321). Em que a ideia central do consumo conspícuo de Veblen, consiste em que as pessoas muitas vezes consomem bens não apenas por sua utilidade “principal” e pré-definida, mas também pelo valor social e status que eles possuem (Veblen, 1974). Sendo assim, pode-se observar no Brasil a emulação de classes através das lentes do futebol que refletem a adesão do esporte. Para ilustrar, é necessário retomar o que foi apresentado anteriormente no contexto histórico, em que inicialmente o jogo foi introduzido pela elite e pela classe média alta (que tinha contato direto com a cultura europeia). Sendo assim, ele foi prontamente adotado pelas classes trabalhadoras, que buscavam emular essa cultura e costume em termos de jogo, de símbolos e comportamentos. Já na Inglaterra o processo foi diferente, já que a emulação pode ser vista diretamente na forma como os clubes industriais buscavam emular o sucesso dos clubes de elite, principalmente, participando de competições e em busca dos títulos que eram disputados entre esses clubes.

Os contextos em que o futebol foi introduzido e consolidado no Brasil e Inglaterra foram profundamente influenciados pelas realidades políticas, sociais e culturais específicas de cada país. A compreensão desses aspectos gerais é fundamental para apreciar a complexa gama de fatores que moldaram a trajetória do futebol em cada nação.

Tendo estabelecido uma base sólida sobre os aspectos gerais que influenciaram a evolução do futebol no Brasil e Inglaterra, no próximo subcapítulo, nos aprofundaremos em como o futebol influenciou e foi influenciado pela identidade nacional em ambos os países.

4.2. IDENTIDADE NACIONAL

Neste subcapítulo, será abordado o papel central do futebol na configuração da identidade nacional, tanto no Brasil quanto na Inglaterra, com uma atenção especial à influência do futebol operário. Ao relacionar esses aspectos, busca-se entender como o futebol se tornou um meio fundamental de expressão cultural, social e política em ambos os países.

A partir de uma visão identitária, observa-se o futebol presente na estruturação da história, cultura, política e sociedade de ambos os países. Tanto no Brasil quanto na Inglaterra, o esporte tem sido uma ferramenta poderosa na formação e expressão dessas identidades nacionais. Isso ocorre pois, em um contexto mundial industrialista, a quantidade da classe operária era substancial, e portanto, o sucesso nacional e criação da identidade dependia da adesão dessa população, o que demonstra a contribuição do futebol operário para a criação dessa identidade. O futebol ofereceu aos operários uma forma de expressar suas identidades, aspirações e frustrações tanto jogando quanto torcendo. Quando a bola rolava, as diferenças de classe, raça e origem eram temporariamente esquecidas, permitindo que todos seguissem em prol do mesmo ideal. Como mencionado por Agnaldo Kupper (2019, p.249), a partir da consolidação do futebol, teve-se a seguinte perspectiva: “Ele deve ter sido visto por operários ingleses e brasileiros como a possibilidade de reparação das injustiças, uma vez que no campo econômico isto parecia – e talvez continue a parecer – impossível.”

No Brasil, destaca-se nessa análise a inclusão do negro na sociedade através do futebol, em que a luta contra a opressão e a discriminação era constante, mas que através desse cenário, podia apreciar a ascensão de jogadores que eram dignos de reverências por cidadãos de todas as classes sociais e que ajudaria na identificação e sensação de pertencimento dos outros negros do país. Já na Inglaterra, o auxílio do futebol foi em canalizar esse sentimento de pertencimento na nação, e não apenas em comunidades e cidades, que ficaram desconfigurados durante as migrações ocorridas durante a Era Vitoriana e a Segunda Revolução Industrial, fazendo com que a parcela de imigrantes aumentasse e a sensação de pertencimento reduzisse. Ainda que, inicialmente restrito a uma elite, o futebol pôde encontrar formas de abranger as diferentes classes dos respectivos países.

Em ambos os países, o futebol operário serviu como uma ferramenta de expressão e um meio de confrontar as injustiças e desigualdades sociais. Sendo assim, o esporte caracteriza uma narrativa viva da evolução da identidade nacional no Brasil e na Inglaterra.

Com a compreensão do papel do futebol na formação da identidade nacional, faz-se necessário explorar a relação entre o futebol e o sistema capitalista de forma geral e ampliada.

4.3. O SISTEMA CAPITALISTA

O presente subcapítulo investigará as semelhanças entre o futebol e o sistema de produção capitalista, focando em paralelos com o modo de produção e a industrialização. Principalmente, no que diz respeito aos mecanismos de jogo e das regras das partidas. Assim, objetiva-se compreender mais dos elementos comuns que estão presentes tanto no esporte quanto no mundo da produção industrial. Ao analisar o Brasil e a Inglaterra, pode-se observar paralelos com o modo de produção capitalista, particularmente quando considera-se a industrialização e a influência da classe operária que foi apresentada até aqui.

O futebol reflete diversos aspectos do sistema capitalista que são facilmente observados. A forma como as equipes são organizadas e a pressão para o desempenho são típicas das dinâmicas em uma fábrica. Com isso, como na produção capitalista, o futebol possui uma hierarquia clara, em que o técnico, assim como um líder e/ou chefe de setor em uma fábrica, tem o poder de decisão, enquanto os jogadores, assim como os trabalhadores, executam tarefas determinadas no que lhes foi solicitado, baseadas em suas habilidades e funções (Kupper, 2019).

Tanto no futebol quanto na indústria, o desempenho é medido e avaliado constantemente. Enquanto uma equipe de futebol busca a vitória, uma fábrica almeja a máxima produção, em um ato de simbolizar um desempenho vitorioso. Isso pode ser ilustrado e comparado a dualidade de competição e cooperação. Enquanto as equipes competem entre si, os jogadores dentro de uma equipe devem cooperar para alcançar um objetivo comum utilizando o máximo de cada um. E essa pressão pelo resultado é uma realidade tanto no futebol quanto no sistema capitalista, em

que a busca pela vitória e a necessidade de produção eficiente podem causar estresse e tensão em jogadores e trabalhadores.

Desse modo, até mesmo na gratificação pode-se notar uma semelhança, já que assim como no sistema capitalista, em que os trabalhadores são remunerados com base em sua produtividade e habilidades, no futebol, os jogadores são recompensados com salários progressivos de acordo com seu talento e desempenho.

De modo geral, a Segunda Revolução Industrial e a padronização das regras e profissionalização do futebol, trouxe elementos como: competição, produtividade, especialização de funções e a quantificação de resultados. O futebol, de certa forma, replicou o ambiente fabril, incorporando funções, trabalho coletivo, disciplina através da fixação de regras e controle do tempo, além da competitividade e estabelecimento de metas. Esses paralelos evidenciam como o futebol se tornou um reflexo e um produto da sociedade capitalista, com suas características, valores e estruturas incorporadas à prática esportiva. Até porque como mencionado por Agnaldo Kupper (2019, p.235): “Não é de se estranhar o desenvolvimento do esporte moderno na linha da trajetória do capitalismo em sua fase industrial: racionalização, padronização e cálculo de performance [...]”

Sendo assim, a análise do futebol através do que foi apresentado demonstra a relação do esporte com a sociedade. Tanto no Brasil quanto na Inglaterra, o futebol é um fenômeno que reflete as tensões, desejos e realidades do sistema capitalista. De modo que, o futebol tornou-se uma representação das fábricas, uma extensão, onde persistem funções, trabalho coletivo, regras e metas.

Portanto, é possível observar que o futebol, em muitas maneiras, espelha o ambiente industrial, refletindo os valores e estruturas da sociedade capitalista consolidada nesses países.

Com as semelhanças entre o futebol e o capitalismo expostas, faz-se necessária a exploração do papel específico da Inglaterra na formação do futebol operário brasileiro e sua influência direta para esse processo.

4.4. INFLUÊNCIA DA INGLATERRA NO FUTEBOL OPERÁRIO BRASILEIRO

O objetivo central deste subcapítulo é elucidar o papel crucial da Inglaterra na formação e popularização do futebol operário brasileiro. A análise se concentrará na influência cultural e industrial britânica, sob a lente do imperialismo cultural, evidenciando como essas interações moldaram a trajetória do futebol no contexto brasileiro, direta e indiretamente.

Durante o final do século XIX, a Inglaterra já possuía uma infraestrutura de futebol bem estabelecida, com clubes, ligas e competições. O futebol estava profundamente enraizado nas comunidades operárias, servindo como uma válvula de escape para as tensões e desafios da vida industrial (Imlach, 2005).

O futebol foi introduzido no Brasil principalmente por elites e membros da classe média que tinham ligações com a Europa. No entanto, rapidamente encontrou ressonância nas classes trabalhadoras urbanas. Em cidades industrializadas como São Paulo, o futebol tornou-se uma parte integrante da vida operária. Clubes foram formados, muitos dos quais tinham ligações diretas com fábricas e empresas.

Durante a década de 1910, a presença inglesa nas fábricas brasileiras foi um fator determinante para a prática e desenvolvimento do futebol no Brasil. Essa presença desempenhou um papel crucial na disseminação do esporte no país. Como evidenciado por Hilário Franco (2007): “A difusão do futebol seguiu a influência cultural inglesa [...] no Brasil, embora mais enraizado em São Paulo e Rio de Janeiro, próprio dos maiores investimentos britânicos, espalhou-se simultaneamente por vários pontos de seu território”. Os trabalhadores que estavam expostos à cultura e ao entusiasmo britânicos pelo futebol foram fundamentais para a incorporação do esporte na sociedade brasileira.

Também se faz necessário recriar esse imaginário de que apenas os jovens estudantes que retornavam da Europa foram os responsáveis por introduzir o futebol no Brasil. Embora esses estudantes possam ter desempenhado um papel inicial importante, foi a presença da comunidade britânica nas fábricas que realmente catalisou o crescimento do futebol. Rubim Aquino (2002) evidencia que a rápida difusão da modalidade na América Latina foi influenciada pela presença de comunidades inglesas associadas a negócios e empreendimentos do capitalismo inglês no continente. O contato direto com os ingleses e a experiência de jogar e

assistir partidas de futebol contribuíram significativamente para a disseminação do esporte nas classes trabalhadoras brasileiras. A presença inglesa nas fábricas não apenas introduziu o futebol, mas também contribuiu para a sua adaptação à realidade brasileira. Esse processo de apropriação cultural e transformação do esporte reflete a capacidade do futebol de transcender fronteiras e se adaptar a diferentes contextos sociais e culturais.

Sendo assim, a introdução do futebol no Brasil, especialmente entre as classes trabalhadoras, reflete um exemplo claro do imperialismo cultural britânico, transcrito não apenas por meio de práticas econômicas ou políticas, mas também pela disseminação de elementos culturais, como o futebol. A presença inglesa no Brasil, particularmente nas fábricas e indústrias, desempenhou um papel fundamental na popularização do futebol, transformando-o em uma parte integral da vida operária e da cultura nacional.

O conceito de Orientalismo, conforme articulado por Edward Said (1979), revela as dinâmicas de poder e dominação cultural exercidas pelo Ocidente sobre o Oriente. Essa análise, embora profundamente enraizada nas relações entre potências coloniais europeias e suas colônias orientais, pode ser adaptada para entender as nuances do imperialismo cultural em contextos onde a relação não se define estritamente pelo eixo Ocidente-Oriente. E a influência específica da Grã-Bretanha na época do surgimento do futebol no Brasil é crucial para traçar esse paralelo com o esporte sendo uma dimensão do imperialismo cultural. Tendo em vista que: "from the beginning of the nineteenth century until the end of World War II, France and Britain dominated the Orient and Orientalism" (Said, 1979, p. 4).

É crucial reconhecer que, embora o domínio inglês no Brasil represente uma interação Ocidente-Ocidente, o futebol como dimensão do imperialismo cultural permanece relevante. Essa manifestação, ilustra como práticas culturais podem ser utilizadas para estabelecer e manter relações de poder, onde até mesmo os clubes de elite brasileiros buscavam essa representação dos clubes ingleses, inclusive, com os nomes, em sua ampla maioria, derivados ou contendo termos presentes na língua inglesa, como por exemplo, o *São Paulo Athletic Club* e o *Fluminense Football Club*, e no caso dos clubes operários, como o *Bangu Athletic Club*

Portanto, existiu um papel fundamental da Inglaterra na história do futebol operário brasileiro, em que é notável a importância da comunidade britânica nas fábricas na disseminação e desenvolvimento do esporte no Brasil. A influência

britânica não se limitou à introdução do futebol, mas também à sua incorporação na cultura e na sociedade brasileira, pavimentando o caminho para o que se tornaria uma das paixões nacionais do país. A história do futebol operário brasileiro, com suas ligações com a Inglaterra, oferece uma janela única para a dinâmica cultural, social e política do século XX. Isso serve como um suporte para a ideia de que o futebol, em sua essência, é mais do que apenas um esporte. Reconhecer o futebol dentro deste quadro amplia nossa compreensão das formas complexas através das quais a cultura e o esporte intersectam com dinâmicas globais de poder e dominação.

5. CONCLUSÃO

O surgimento do futebol operário na Inglaterra e no Brasil é um fenômeno moldado por influências culturais, sociais e econômicas distintas em cada país. Com isso, os dois contextos foram apresentados, dando sentido de como o futebol operário emergiu como resultado das experiências únicas vivenciadas pelos trabalhadores em cada nação. Contudo, sua evolução e significado variam de acordo com os contextos nacionais. O surgimento do futebol operário, em particular, oferece a possibilidade de observar as complexidades das relações internacionais, especialmente quando analisamos Brasil e Inglaterra, duas nações com trajetórias distintas no mundo do futebol e na arena política global.

Na Inglaterra, o futebol operário surgiu em grande parte como resultado da influência direta que os operários sofreram do futebol enquanto estavam no país de origem. Os trabalhadores, imersos na cultura futebolística britânica, transformaram suas paixões em clubes operários. Estes clubes, muitas vezes desvinculados das indústrias, refletiam a essência do futebol como um lazer popular, um escape das rigidezes da vida industrial. Sendo assim, o movimento operário, já estabelecido e poderoso, moldou e influenciou a natureza do futebol. Era o movimento que dava ao futebol sua identidade e propósito, refletindo as aspirações e lutas da classe trabalhadora.

Em contraste, o Brasil viu uma amalgamação mais estreita entre indústria e futebol. Com empresas financiando e incentivando clubes, o futebol tornou-se não apenas um passatempo, mas também uma extensão da vida operária. O futebol era visto como um meio de expressar orgulho industrial e, em muitos casos, servia como uma ferramenta para melhorar as relações entre empregados e empregadores. O esporte no contexto brasileiro serviu como um condensador, proporcionando aos trabalhadores um sentido de comunidade e propósito, muitas vezes ultrapassando as divisões tradicionais da classe e da indústria. Nesse sentido, desde a raiz dos clubes operários, o futebol instrumentalizou o movimento operário, agindo desde o princípio como catalisador do movimento operário.

Na análise das dinâmicas sociais relacionadas ao futebol operário na Inglaterra e no Brasil, percebe-se um padrão de comportamento em que a classe operária, na sua vontade de emular a classe ociosa, sacrifica seus períodos de

descanso para praticar o futebol. Este fenômeno reflete uma tentativa dos operários de se alinhar aos padrões de lazer associados às classes burguesas, caracterizadas pela prática do futebol como uma forma de lazer excludente e culturalmente valorizada. Diferente da classe ociosa, que dispõe de tempo livre regular e abundante para dedicar-se ao lazer, os trabalhadores muitas vezes utilizam seus escassos dias de folga para participar no esporte, evidenciando um sacrifício do descanso em favor da busca por status e pertencimento social através do futebol. Este comportamento destaca a complexa interação entre lazer, trabalho e estratificação social, ilustrando como o futebol opera como um veículo de expressão cultural e social, além de ser um espaço onde se manifestam as tensões e aspirações da estrutura de classes.

Contudo, observa-se que o futebol, em ambos os países, não foi apenas um fenômeno doméstico. Ele desempenhou um papel nas relações internacionais, servindo como um embaixador cultural e político. Este fenômeno pode ser analisado sob a ótica do conceito de Soft Power, introduzido por Joseph Nye da Universidade Harvard, que representa uma forma de influência não coercitiva em Relações Internacionais, destacando o papel da mídia e cultura em contraste ao Hard Power, ou poder coercitivo. Enquanto a Inglaterra exportava sua versão do esporte para suas colônias e territórios, o Brasil, exemplificando o uso do Soft Power, usava o futebol como uma ferramenta para promover sua cultura, valores e conquistas adquiridas através do esporte.

O futebol, em sua essência, é mais do que apenas um jogo. Ele reflete as complexidades, tensões e aspirações das sociedades nas quais é jogado. A análise do futebol operário no Brasil e na Inglaterra oferece uma visão profunda não apenas dessas duas nações, mas também das dinâmicas das relações internacionais no século XX. Em um mundo cada vez mais globalizado, o futebol continua a ser uma ferramenta poderosa para a compreensão das relações entre nações e culturas. Em ambos os países, o futebol operário reflete as tensões, desejos e realidades da sociedade, servindo como uma janela para as complexidades das relações internacionais no século XX.

A questão proposta neste trabalho de conclusão de curso, de que se é o movimento operário que instrumentalizou o futebol ou o futebol que instrumentalizou o futebol operário, é respondida diferentemente ao se analisar o contexto inglês em comparação com o brasileiro. Na Inglaterra, o movimento operário adotou o futebol,

um esporte recém-surgido, onde os primeiros clubes operários registrados surgem, em sua maioria, sem o incentivo direto das empresas, como uma maneira de desafiar a elite e promover a união e identidade entre trabalhadores. Em contrapartida, no Brasil, a instrumentalização do movimento operário pelo futebol reflete a participação direta e incentivo das fábricas nos primeiros clubes operários do país, associando assim, o esporte como objeto de alienação do trabalhador e fortemente influenciado pelo imperialismo cultural britânico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALLEN, Dean. 'Game for the boys': sport, empire and the creation of masculine ideal. In: HARGREAVES, Jennifer; ANDERSON, Eric (Orgs). **Routhledge handbook of sport, gender and sexuality**. Routhledge, New York, 2014.
- ANDREWS, George Reid. **Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano**. 1997.
- ANTUNES, Fátima. **Diversão ou trabalho? O futebol dentro da fábrica**. 1994.
- ANTUNES, Fátima Martin Ferreira. O futebol nas fábricas. **Revista USP**, n. 22, 1994.
- ARAÚJO, Luciano. **Futebol, Raça e Identidade Nacional: uma História Social do Futebol no Brasil**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.
- ARNOLD, A.J. Tony. Harnessing the Forces of Commercialism: The Financial Development of the Football Association, 1863–1975. **Sport in Society: Cultures, Commerce, Media, Politics**, v. 7, n. 2, p. 232-248, 2004.
- BIAGI, Diego Fernandes de. **Amadores, profissionais e varzeanos: os significados das práticas futebolísticas na cidade de São Paulo e os clubes da comunidade**. 2017.
- Bernardo Borges Buarque de Hollanda, Paulo Fontes. **Futebol & mundos do trabalho no Brasil**. Ed. UERJ, 2021.
- CÂMARA DOS DEPUTADOS, BRASIL. Em 1895 foi disputada a primeira partida de futebol oficial no Brasil. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/431278-em-1895-foi-disputada-a-primeira-partida-de-futebol-oficial-no-brasil/>. Acesso em: 15 de Maio de 2023.
- CARREIRA, André Luiz Rodrigues. **A "religião leiga da classe operária" e os sentidos da cidade: urbanização, trabalho e futebol na cidade de Santos (1892 – 1920)**. 2018.
- CASTELLANI FILHO, Lino. **História dos Campeonatos Paulistas de Futebol: 1902-2013**. São Paulo: Maquinária Editora, 2014.
- COLLINS, Tony. Claude Walter Masters, Rugby, Football and the Working Classes in Victorian and Edwardian York. **The International Journal of the History of Sport**, v. 32, n. 9, p. 1216-1218, 2015.
- COLLINS, Tony. **How Football Began: A Global History of How the World's Football Codes Were Born**. 2019.
- DA COSTA, Lamartine Pereira. **A bola e o império: uma história do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

FRANCO JR., Hilário. "Brasil, país do futebol?". **Revista USP**. São Paulo: n. 99, p. 45-56. 2013.

FRANZINI, Fábio. **As raízes do país do futebol: estudo sobre a relação entre o futebol e a nacionalidade brasileira (1919-1950)**. 2000.

FRANZINI, Fábio. **FUTEBOL, IDENTIDADE E CIDADANIA NO BRASIL DOS ANOS 30**. 1998.

GALARZA, Alex. The Ball is Round: A Global History of Soccer. **Soccer & Society**, v. 12, n. 5, p. 709-710, 2011.

GOLDBLATT, David. **The Ball is Round: A Global History of Football**. 2006.

GOULSTONE, John. The working-class origins of modern football. **The International Journal of the History of Sport**, v. 17, n. 1, p. 135-143, 2000.

HENSORI, Malcolm. **Cultural Imperialism: a case study of football in era Bath in the late-Victorian**. 2001.

HOLT, Richard. **Sport and the British: A Modern History**. Oxford University Press. 1989.

HOLT, Richard. Working class football and the city: the problem of continuity. **The International Journal of the History of Sport**, v. 3, n. 1, p. 5-17, 1986.

HOPKINS, Andrew. **The Football Business: Fair Game in the Third World?** London: Frank Cass, 1999.

IMLACH, Gary. **My Father And Other Working Class Football Heroes**. 2005.

JOST, Peter. "The ball is round, the game lasts 90 minutes, everything else is pure theory". 2020.

KANITZ, Roberto Camargos Malcher. **Villa Nova Football Club: lazer e a formação de um clube operário de futebol (1908-1930)**. 2017.

KORR, Charles P. **West Ham United Football Club and the Beginnings of Professional Football in East London (1895-1914)**. 2015.

KUPPER, Agnaldo. Futebol e as agitações operárias. **Revista Terra & Cultura: Cadernos de Ensino e Pesquisa**, v. 34, n. 67, p. 117-137. 2019.

KUPPER, Agnaldo. **Futebol: entre o lazer e o controle**. 2019.

KUPPER, Agnaldo. **O futebol também ensina**. 2020.

KUPPER, Agnaldo. **O uso do futebol como estratégia de controle**. 2020.

LAKE, Robert J. **Sport and the British: a modern history**. 2019.

LEITE LOPES, J. S. "Considerações em torno das transformações do profissionalismo no futebol a partir da observação da Copa de 1998". In: **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, 1999, n. 23.

LUCENA, Kalhil Gibran Melo de; GRILLO, Maria Ângela de Faria. **As representações da República Velha na cultura popular e no livro didático**. 2010

LUTZ, Tom; MCCARTHY, Kerry. **Has football ever been illegal in Britain?** The Guardian, [s.l.], 7 fev. 2007. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2007/feb/07/theknowledge.sport>. Acesso em: 15 de Maio de 2023.

MAGALHÃES, Marcelo Campos. **Futebol, Ideologia e Poder no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1984.

MAGUIRE, Joseph. **Millwall and the Making of Football's Folk Devils: Revisiting the Leicester Period**. 2006.

MASCARENHAS, Gilmar. "Construindo a cidade moderna: a introdução dos esportes no Rio de Janeiro". **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 13, n. 23, 1999. P. 17-39.

MATTOS, Marcelo Badaró. **A formação da classe operária inglesa: história e intervenção**. 2014.

MÁXIMO, João. **Memórias do futebol brasileiro**. 1999.

MUNT, Sally. **Cultural Studies and the Working Class**. 2000.

OLIVEIRA, Luis Fernando. **Futebol e Política: a integração do negro na sociedade de São Paulo através do futebol (1910-1930)**. São Paulo: Marco Zero, 1988.

OLIVEIRA, Márcia Maria Fogaça de. **História e historiografia de Votorantim**. 2008.

PEREIRA, Leonardo. **Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902 - 1938)**. RJ, Editora Nova Fronteira, 2000.

RIBEIRO, Raphael Rajão. **A várzea e a metrópole: futebol amador, transformação urbana e política local em Belo Horizonte (1947-1989)**. 2021.

ROBSON, Garry. **The Lion Roars: Myth, Identity and Millwall Fandom**. 2001.

RUSSELL, David. **Associating with Football: Social Identity in England (1863-1998)**. 1999.

SAID, Edward W. **Orientalism**. 1978

SANTOS JUNIOR, Nei Jorge dos. **Quando a fábrica cria o clube: o processo de organização do Bangu Athletic Club (1910)**. 2012.

SILVA, Eliazar João da. **De esporte das elites ao esporte popular: a trajetória do futebol no Brasil**. 2012.

SOARES, Antônio Jorge; HELAL, Ronaldo; SANTORO, Marco Antônio. "A invenção do futebol-arte: as narrativas jornalísticas sobre a seleção de 1970". In: **Contemporânea – Revista de Comunicação e Cultura**. Rio de Janeiro, UERJ, n. 3, 2004.2, p. 103-119.

SOARES, Antônio Jorge. **A história da imprensa esportiva no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

STÉDILE, Miguel Enrique. Clubes de futebol operário como espaço de autonomia e dominação. **Espaço Plural**, v. XIV, n. 29, p. 15-44, jul.-dez. 2013.

TAYLOR, Ian. **"Football Mad": A Speculative Sociology of Football Hooliganism**. 1972.

TAYLOR, Ian. **Professional sport and the recession: the case of British soccer**. 1984.

The Millwall History Files. Disponível em: <http://www.millwall-history.org.uk/Origins.htm> . Acesso em: 26, Setembro e 2023.

VEBLEN, T. **A Teoria da Classe Ociosa – Um estudo econômico das instituições**. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Atica, 1974.

WITTMANN, Reinhard. **The FIFA World Cup 1930 - 2010: Politics, Commerce, Spectacle and Identities**. Berlin: LIT Verlag Münster, 2014.